

HISTÓRIAS CAPIXABAS, DE FRANCISCO AURELIO RIBEIRO¹

HISTÓRIAS CAPIXABAS, BY FRANCISCO AURELIO RIBEIRO

Getúlio Marcos Pereira Neves*



o propor a instalação do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Carlos Xavier Paes Barreto advertia para o fato de serem inúmeras as tradições locais que passavam quase obscuramente, quase a ponto de serem esquecidas. A reação a esse estado de coisas foi o móvel da fundação, em 1916, da Casa mais que centenária. E, felizmente, tem sido ao longo do tempo o móvel de pesquisadores, profissionais e amadores, que se dedicam a levantar e registrar fatos e vultos de relevo, de modo a não deixar que se apague a memória de nossas tradições.

¹ NEVES, Getúlio Marcos Pereira. *Histórias capixabas* de Francisco Aurelio Ribeiro. *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, Vitória, v. 24, p. 48-49, 2019. Disponível em: <https://ael.org.br/publicacoes_da_academia_espirito_santense_de_letras/revista_ael_2019.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2025.

* Doutor em História das Relações Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro da Academia Espírito-santense de Letras (AEL). Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES).

Por este motivo é sempre alvissareiro o lançamento de livro versando sobre fatos históricos da nossa terra, qualquer que seja a abordagem metodológica e o gênero literário. É fato que, a seu turno, a produção acadêmica é bastante significativa. Mas ao público em geral, ao que não tem acesso a essa produção, atinge-se por meio de obras de divulgação – ou, ainda, por meio de obras de ficção. Contos e romances históricos, epopeias, crônicas, “causos”, têm a simpatia do leitor e são consumidos mais amiúde, o que se constata das estatísticas.

Dentre esse público destaca-se o que se pode considerar “em formação”. É o público infantil e infanto-juvenil, a quem está sendo inculcado ou reforçado nas escolas o hábito da leitura. Obras didáticas e outras de complementação de conteúdo têm grande importância na formação do leitor e no tormentoso processo de cativá-lo para a leitura. Unindo uma ponta a outra, acaba de lançar mais um livro o professor Francisco Aurelio Ribeiro, presidente da Academia Espírito-santense de Letras e especialista em literatura infantojuvenil: **Histórias Capixabas**, destinado a esse público e, como informa o subtítulo, reunindo lendas e relatos da nossa História.

São doze histórias, ricas em informações que, passadas sem intenção professoral, situam o leitor na trama que se vai narrar. Dentre estas, fatos históricos, como a Insurreição de Queimado, as desavenças entre Caramurus e Peroás, devotos de São Benedito, a construção do Convento da Penha; vultos históricos, como o próprio donatário Vasco Fernandes Coutinho e o cacique temiminó Maracajaguaçu, exilado por estas bandas. E também lendas e tradições recontadas livremente, como o tesouro da Pedra dos Olhos, o fantasma do Palácio Anchieta, a convocação de Santo Antônio para integrar nossa tropa de linha, o ouro da bengala do Barão de Monjardim, as avós índias “pegas a laço”. Tudo fatos e tradições passadas de geração em geração e que, algumas, corriam risco de passar quase obscuramente, como vaticinava meio pessimista o intelectual Carlos Xavier Paes Barreto.

Graças também ao esforço de Francisco Aurelio Ribeiro, podemos augurar a esse material histórico/afetivo uma sobrevida cuja duração não nos arrisquemos a vaticinar. A memória do povo tem razões que não podemos perscrutar, nem é caso disso. Antes, vamos à leitura do **Histórias Capixabas**, que garanto ser agradável, e comemoemos o fato de um pesquisador consagrado se dedicar a registrar esses “causos”, essas histórias, e generosamente passá-los adiante em linguagem apropriada para a juventude. Pois é a esses novos leitores que devemos confiar o futuro, onde inserida está a sobrevivência da memória capixaba.



REV. ACAD. ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS, V.24, P. 48, 2019

Histórias Capixabas de Francisco Aurelio Ribeiro

GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES

Cadeira 33 da AEL. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Ao propor a instalação do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Carlos Xavier Paes Barreto advertia para o fato de serem inúmeras as tradições locais que passavam quase obscuramente, quase a ponto de serem esquecidas. A reação a esse estado de coisas foi o móvel da fundação, em 1916, da Casa mais que centenária. E, felizmente, tem sido ao longo do tempo o móvel de pesquisadores, profissionais e amadores, que se dedicam a levantar e registrar fatos e vultos de relevo, de modo a não deixar que se apague a memória de nossas tradições.

Por este motivo é sempre alvissareiro o lançamento de livro versando sobre fatos históricos da nossa terra, qualquer que seja a abordagem metodológica e o gênero literário. É fato que, a seu turno, a produção acadêmica é bastante significativa. Mas ao público em geral, ao que não tem acesso a essa produção, atinge-se por meio de obras de divulgação – ou, ainda, por meio de obras de ficção. Contos e romances históricos, epopeias, crônicas, “causos”, têm a simpatia do leitor e são consumidos mais amiúde, o que se constata das estatísticas.

Dentre esse público destaca-se o que se pode considerar “em formação”. É o público infantil e infanto-juvenil, a quem está sendo incutido ou reforçado nas escolas o hábito da leitura. Obras didáticas e outras de complementação de conteúdo têm grande importância na formação do leitor e no tormentoso processo de cativá-lo para a leitura. Unindo uma ponta a outra, acaba de lançar mais um livro o professor Francisco Aurelio Ribeiro, presidente da Academia Espírito-santense de Letras e especialista em literatura infantojuvenil: **Histórias Capixabas**, destinado a esse público e, como informa o subtítulo, reunindo lendas e relatos da nossa História.

Capa da *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, de 2019, e página inicial da resenha de Getúlio Marcos Pereira Neves sobre *Histórias capixabas*, de Francisco Aurelio Ribeiro.